La Comédiathèque

HAPPY HOUR

Jean-Pierre Martinez





comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Happy Hour

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Num bar noturno sob vigilância policial, enquanto se procura um perigoso psicopata, um barman inquietante ouve as confidências de clientes solitários que marcaram encontros com desconhecidos na internet. Comédia negra, desbocada e absurda, de humor deliberadamente obsceno.

Personagens:

O Barman (ou a Barmaid)

A Comissária (ou o Comissário)

O Psicopata (papel também interpretável por uma mulher)

O Homem

A Morena

A Loira

© La Comédiathèque

1 – O Barman (ou a Barmaid) – A Morena

Atrás do balcão, o barman enxuga copos. O papel também pode ser interpretado por uma atriz, explorando a ambiguidade de género da personagem. Na rádio toca uma velha canção francesa. Ouve-se um autoclismo. Sai da casa de banho uma morena bastante vulgar, com uma camisola sem forma e de cor indefinível, e volta a sentar-se à frente do seu copo. O barman muda de estação: um relato de futebol atinge o auge. Desliga a rádio. A morena acaba de beber.

Barman – Queres que te dê mais um?

A morena olha-o, exausta. Não sabe ao certo se entendeu a pergunta, mas deixa-se levar por uma breve fantasia.

Morena – Como disseste?

O barman indica com ar enfadado o letreiro «Happy Hour», sobre o balcão, em cruel contraste com a tristeza do bar vazio.

Barman – O cocktail da casa! O segundo é grátis.

Morena (*suspirando*) – Happy Hour... O tanas! Já estou há uma hora à espera de um gajo e nem sinal dele...

Barman – Um tipo?

Morena – Custa-te assim tanto acreditar que um homem queira sair comigo?

Barman – Um homem, sim...

A morena parece surpreendida.

Morena – Como é que se chama este bar, a propósito?

Barman – Os Flamengos Cor-de-Rosa...

Morena – Flamengos, os belgas? Pensei que eram flamingos, aqueles pássaros cor-de-rosa... Ah, pronto. É um bar belga, então... (*Mudando de assunto*) O cocktail tem um gostinho a banana, não tem?

Barman – Sabias que o ser humano partilha 99% dos seus genes com o macaco?

Morena – Não...

Barman – E, como os macacos partilham uma data de genes com as bananas, podemos dizer que o homem é uma banana com pernas... e, às vezes, cérebro.

Morena – O cérebro é opcional. Em certos modelos, vem como extra.

Barman *(sentindo-se visado)* – Estás a pensar em alguém em concreto...?

Morena – Estou a pensar no idiota que se esqueceu que tinha um encontro comigo.

Barman – Se calhar está à espera do fim do jogo. Já vão no prolongamento... O avançado brasileiro acaba de a meter lá dentro ao guarda-redes belga...

Morena – Tens a certeza de que estamos a falar de futebol? (*O barman não responde.*) E tu, o que farias no meu lugar?

Barman – Uma hora à espera? No teu lugar, não sei. Mas no lugar dele... Se aparecer agora, vais parecer uma desesperada capaz de tudo para não ir dormir sozinha.

A morena encaixa o golpe.

Morena – Achas mesmo...?

Barman – Sabes como é o ditado: se me segues, fujo; se foges de mim, faço-te um broche...

Morena *(arrasada)* – Acho que vou mesmo beber o segundo cocktail grátis...

O barman mergulha uma concha numa bacia de cocktail da casa e volta a encher-lhe o copo. Ela bebe um grande gole e engole com esforço.

Morena – Também tem um toque de gengibre...

Barman – Leva gengibre.

Morena (*olhando à volta*) – Foda-se, que animação... Sexta-feira à noite e nem uma alma. Está tudo a ver a bola?

Barman – Não. Está a dar uma retrospetiva da Dalida na televisão. Arruína-nos sempre a noite. Daí o Happy Hour...

Morena – Deviam ter chamado Gay Hour. Assim não restavam dúvidas... Porque é que ele marcou comigo num bar gay?

Barman – Suponho que para ser o único macho hetero do local... Ter tanto medo da concorrência, normalmente, não é bom sinal...

Morena (*desconfiada*) – Ou então o tipo é mesmo gay e tomou-me por um homem. A fotografia do meu perfil estava meio desfocada... (*Preocupada*) Achas que me confundias com um gajo numa fotografia desfocada?

Barman – Não... Nem às escuras.

A morena mantém-se com ar desanimado.

Barman – Como te chamas?

Morena – Jane...

Barman – Vá, Jane, o teu Tarzan ainda pode aparecer...

Morena – A minha mãe chamou-me Jane por causa da companheira do Tarzan. Mas os gajos com quem saio têm mais de chimpanzé do que de Tarzan. Quando aparecem, claro...

Barman – Já sabes o que dizem: um perdido, dez achados...

Morena – Um perdido, dez perdidos, queres tu dizer. É como o cabelo: começa por cair um, depois outro, e quando damos por ela estamos carecas. Sei bem do que falo...

Barman – Perdes o cabelo?

Morena – Não... Trabalho num cabeleireiro. E, a este ritmo, até quem lava cabeças vai ficar sem emprego.

Barman – Tu és daquelas que veem sempre o copo meio vazio, não és?

Morena – Já tenho teias de aranha debaixo da saia, de tantos bolos que me deram ultimamente...

Barman – Um dia o teu príncipe aparece e fica preso nessa teia. (*Paternalista*) Mas não te esqueças da proteção...

Morena – Nem vais acreditar, mas sou alérgica ao látex. Faz-me um mal terrível à flora vaginal.

Barman – Pois... E à fauna, também faz mal?

Morena – Dá-me uma comichão dos diabos... (*Pausa*) Não tens aí um garfo?

Barman *(preocupado)* – Para...?

Morena – Está uma coisa a boiar no meu cocktail. (*Inclina-se*) Parece um olho. (*Ergue a cabeça, perturbada*) E está a olhar para mim...

O barman parece contrariado.

Barman – Porra... Não devo ter triturado aquilo o suficiente.

Tira um garfo e remove discretamente a coisa flutuante. Continuando os seus pensamentos, a morena suspira.

Morena – Nem amigos tenho. Abri uma conta no Facebook e o único a pedir-me amizade, sem eu fazer nada, foi um argentino que dá espetáculos de peidos. A minha vida social é um deserto do caralho... Se me casasse amanhã, não arranjava uma testemunha. Quanto mais um marido...

Barman – Não tens família?

Morena – Todos morreram quando eu tinha três anos...

Barman – Não...

Morena – Asfixiados... O monóxido de carbono não perdoa. Vivíamos de subsídios num bairro de habitação social em Neuilly, um dos sítios mais ricos dos arredores de Paris. A minha mãe não mandava limpar a chaminé do fogão desde que nasci...

O barman olha-a, perplexo.

Morena – Fui a única sobrevivente. O meu pai fechava-me na cave todas as noites. Foi isso que me salvou...

Barman *(horrorizado)* – Na cave...?

Morena – Para não ouvir os meus gritos! Tinha fome... O meu pai era alcoólico. A minha mãe dava-lhe dinheiro para um litro de leite e ele voltava com um litro de tinto.

Barman *(quase a chorar)* – Oh, meu Deus...!

Morena – Estou a gozar contigo! Já viste alguma vez habitação social em Neuilly?

O barman fica calado por um momento, um pouco incomodado por ter sido enganado.

Morena – Mas estou de relações cortadas com os meus pais. No meu último aniversário, mandaram-me uma carta registada do notário a dizer que, quando morressem, deixavam tudo à investigação contra o cancro. Nunca foram generosos; espanta-me que queiram financiar a investigação de uma doença de que já terão morrido nessa altura... E tu, ainda tens pais?

Barman – A minha mãe morreu. O meu pai está internado na Bélgica...

Morena *(impressionada)* – Porque a dor o deixou louco...

Barman – Não. É porque decapitou a minha mãe com uma motosserra.

Morena – Ah... Era lenhador?

Barman – Mais cinéfilo. Tinha acabado de ver O Massacre no Texas.

A morena encaixa o golpe, antes de dar mais um gole no cocktail e voltar aos seus problemas com um suspiro.

Morena – Não peço assim tanto. Um bocadinho de carinho. Alguém à minha espera todas as noites, pronto a saltar-me para cima quando chego do trabalho.

Barman – Arranja um pastor-alemão...

A morena pergunta-se se ele está a brincar ou não.

Morena – E tu, tens alguém?

Barman – Acabei com o meu noivo. Era informático...

Morena – Bem, já imagino que isso basta como razão...

Barman – Sempre que fodíamos, sussurrava-me ao ouvido: «Abre a tua porta USB, que eu vou ligar o meu periférico...»

A morena suspira.

Barman – Vá lá... De certeza que há alguém para quem tu importas um pouco.

Morena – Hoje é o meu aniversário e a única entidade que se lembrou foi a Amazon. Foi lá que comprei esta camisola...

O barman coloca no cocktail um pauzinho que acende e começa a lançar faíscas.

Barman – Feliz aniversário!

Morena – Obrigada...

Num ambiente patético, ambos observam o pauzinho faiscar até se apagar.

Morena – E tu? Também não deve ter sido fácil com a tua família. Como é que saíste do armário?

Barman – O meu pai apanhou-me a bater uma punheta a ver um vídeo gay.

Morena (*distraída*) – Ah, pois... (*Tira um espelho da mala.*) Esta camisola faz-me parecer um chouriço apertado, não faz? (*O barman esboça um sorriso educado.*) Comprar pela internet é como andar nos sites de encontros. Na fotografia parece tudo ótimo e, quando chega a encomenda...

Barman – ...nem sempre vem no tamanho certo.

A morena continua a olhar-se no espelho.

Morena – E esta cor deixa-me com cara de quem tem cancro no fígado... (*Suspira*) Vou lá fora fumar um cigarro. Se não voltar dentro de cinco minutos, é porque me atirei ao Sena. E nada de chamar uma ambulância. Recuso-me a ser reanimada.

Barman – Não vale a pena. Fui bombeiro voluntário. Foi assim que aprendi o boca-a-boca... antes de me expulsarem por ocultação de cadáver. Na verdade, foi o meu pai que... Enfim, deixa lá...

A morena fica um pouco desconcertada e dirige-se à porta.

Morena – Se ele chegar entretanto, não lhe digas que estive aqui uma hora à espera dele, está bem?

Barman (*com um sorriso inquietante*) – Não te preocupes. Faço tudo para o reter.

Morena – Não sei se isso me tranquiliza...

Ela sai. O barman volta a ligar a rádio. Ouve-se uma velha canção de amor.

2 – O Homem – O Barman

O barman limpa a torneira da cerveja enquanto ouve um noticiário na rádio.

Locutor – Continua por localizar o perigoso doente psiquiátrico que fugiu do hospital de Namur, na Bélgica, onde estava internado por ter decapitado a mulher com uma motosserra... (*O barman presta atenção.*) Terá sido visto numa loja de bricolage e depois na estação, onde comprou bilhete de comboio para Paris. As polícias belga e francesa cooperam na sua captura...

Entra um homem com ar nervoso. Olha à volta. Seja qual for o físico ou a roupa do ator, está longe de ser um símbolo sexual. O barman desliga a rádio.

Barman – O que vai ser?

Homem – Qual é a bebida mais forte que tens?

Barman – O cocktail da casa...

Homem – Então venha essa desgraça.

O barman serve-lhe. O homem olha à volta.

Barman – Estás à espera de alguém...?

Homem – Nota-se assim tanto? Estou um bocado atrasado... Não viste ninguém?

Barman – Depende. Como é que ele é? Ah, sim... Também és heterossexual. Então, e ela, como é?

Homem – Não faço ideia. Conheci-a num site de encontros. Não tinha fotografia...

Barman – Tanta modéstia costuma esconder qualquer coisa...

Homem – Eu também não pus fotografia. E, desde que a tirei do perfil, comecei a receber muito mais mensagens...

Barman – As mulheres adoram mistérios.

Homem – Bem, quando digo mensagens... É o primeiro encontro a sério que arranjo em três anos. Nunca tive sorte com mulheres. Até a professora de Geografia me detestava. Uma vez perguntou-me que tipo de nuvens eram aquelas e eu respondi «cunnilingus» em vez de «cumulonimbus»...

Barman – Ah, claro...

Homem – Ontem, a arrumar a carteira, descobri que os meus preservativos estavam fora de prazo. Ficas com uma ideia da minha vida sexual...

Barman – Se os guardas na carteira...

Homem – Claro, estavam ao lado do meu cartão de saúde... E, afinal, não é quem recebe em casa que fornece os preservativos? Como no futebol...

Barman – No futebol...?

Homem – No futebol... A equipa que joga em casa...

Barman – Sim...?

Homem – Deixa lá... (*Retomando o assunto*) E custaram-me os olhos da cara, os cabrões dos preservativos. Têm gel anestésico para atrasar a ejaculação. Dizem que pode causar alergias nas mulheres, mas paciência...

Barman *(surpreendido)* – Com gel anestésico...?

Homem – A última gaja com quem fui para a cama... Eu jurava que ela tinha adorado. Já ia adormecer com a sensação de missão cumprida quando me deu um beijinho na cara e disse: «Não te preocupes, isso acontece...» Desde então, nada. O deserto absoluto. Ontem passei a noite num videojogo a tentar acoplar um foguetão a uma estação espacial. Em cinco anos, devo ter tido três experiências sexuais. E da última vez nem cheguei ao acoplamento. Achas que conta?

Barman – Se o foguetão ao menos levantou voo...

Homem – Mais depressa explodiu a meio do voo... (*Pausa*) O meu sonho era ter duas mulheres. Uma morena e outra loira. Todas as noites escolhia a que combinasse com a gravata e levava-a a passear no descapotável...

Barman – E a outra?

Homem – A outra ficava na cozinha a fazer-me a merda do jantar!

Barman – Nunca ouvi uma fantasia de ménage tão excitante...

Homem – Ontem tive um pesadelo do pior. Eu era o Príncipe Encantado, chegava a cavalo e tinha de acordar a Bela Adormecida enfiando-lhe a língua até à garganta...

Barman – Um pesadelo?

Homem – Imagina o bafo daquela mulher depois de cem anos sem lavar os dentes! E beijava como um polvo... E tu, com que é que sonhas?

Barman – Casar com o príncipe Harry e tornar-me rainha de Inglaterra.

Homem – Ah, está bem... Então é por isso que não gostas de futebol...

Barman – Pode-se ser gay e gostar de futebol. Eu prefiro râguebi... Adoro ver aqueles brutamontes na televisão, estendido no sofá com um amigo e umas cervejas.

Homem – Pergunto-me se eu também serei gay...

Barman – Ainda ontem sonhei que o capitão da seleção me marcava um ensaio em cheio.

Homem – Não tenho nada contra os gays, atenção. Trabalho com um. Às vezes até vamos almoçar ao McDonald's. Bem... cada um na sua mesa.

Barman *(com ar pesaroso)* – Queres o segundo cocktail? É Happy Hour...

Homem – Primeiro deixa-me tentar acabar este. (*Bebe.*) Porra, isto leva álcool a noventa graus, não leva?

Barman – Também leva licor de banana. Para lhe dar aquele toque suave...

Homem – É esquisito... Faz croc-croc entre os dentes. (*Espia a bacia.*) Que raio é aquela coisa castanha a boiar? Parece que se está a mexer...

O barman também se inclina para olhar.

Barman – Uma barata. Mas não está na receita! Deve ter caído do teto. Não te mexas, que já fui bombeiro... (*Pesca a barata com a concha.*) Coma alcoólico. Chegámos tarde de mais... Pelo menos a ela o cocktail agradou.

O homem olha para ele, atónito.

Homem – Eu também estava completamente bêbedo quando perdi a virgindade...

Barman – Numa festa de adolescentes, com álcool a mais?

Homem – Não... Tinha vinte e sete anos. Foi num hospital...

Barman – Com uma enfermeira?

Homem – Não, não, com uma doente... (*O barman fica espantado.*) Mas não era terminal, atenção! Acabara de ser operada às amígdalas. Nem era bem minha amiga, era a filha da porteira, vinda de uma ilha do Índico. Levei-lhe uma garrafa de ponche. Ela não podia beber, por causa da operação, por isso bebi eu tudo... A garrafa, quero eu dizer. E como ela também não podia falar, comunicámos por gestos. Uma coisa levou à outra...

O homem dá um gole no cocktail.

Homem – Agora que penso nisso, nem sei se já tinha acordado completamente da anestesia... Seja como for, nunca mais me falou do assunto. E a tua primeira vez, onde foi?

Barman – Numa banheira...

Homem – Não, mas digo... com outra pessoa.

Barman – Numa banheira grande.

Homem – Ah, já... Sempre me perguntei como é fazê-lo dentro de água...

Barman – Isso não te sei dizer.

Homem – Desculpa?

Barman – Não nos ocorreu enchê-la...

O homem assimila o comentário, depois olha para o relógio.

Homem – Aposto as cuecas em como ela não aparece. Mais vale ir para casa, deitar-me e abrir o gás. Não, espera: primeiro abrir o gás, depois deitar-me. Assim não tenho de me levantar... Daqui a uns meses a porteira encontra-me colado ao colchão, todo podre. Têm de recortar o colchão para levar o cadáver... (*Bebe.*) Posso fazer uma crítica construtiva? Este cocktail é uma merda. Onde foste buscar a receita?

Barman (*ofendido*) – Fui eu que a inventei. Até hoje, ninguém se queixou...

Homem – Se calhar porque ninguém sobreviveu. Não sei se é este veneno que me está a dar volta às tripas ou se são os nervos. E se a minha acompanhante for uma supermodelo? É melhor ir largar um belo cagalhão antes de ela chegar. Onde é a casa de banho?

Barman – Ao fundo do corredor, à direita... (*O homem vai para a casa de banho.*) Que poesia, meu Deus...

O barman liga a rádio, que começa a tocar uma música.

3 – O Barman – A Loira

O barman lê uma revista de divulgação científica. A rádio transmite um noticiário. Ele presta atenção, intrigado.

Locutor – Aumenta a inquietação em Paris. Há cerca de uma hora, testemunhas viram uma mulher cair de uma ponte para o Sena. Suicídio ou homicídio? Ainda não se sabe. Os bombeiros procuram o corpo no rio...

Barman – Ela que andava desesperada por ser pescada...

Locutor – A polícia não exclui a possibilidade de o Assassino da Motosserra de Namur estar envolvido. O fugitivo também foi visto neste bairro, onde, ao que parece, tem familiares...

O barman fica preocupado. Entra uma loira deslumbrante, com a altivez de uma supermodelo e os tiques nervosos de uma socialite em falta de cocaína. Procura alguém com os olhos, vê que o bar está vazio e aproxima-se do balcão. O barman desliga a rádio e larga a revista.

Barman – O que deseja?

Loira – Vou esperar um pouco. Tenho um encontro...

Barman – Com um homem? *(A loira fulmina-o com o olhar.)* Desculpe...

A loira tira um espelho da mala e começa a retocar a maquilhagem. O barman volta a ler a sua revista científica.

Barman – Olha que curioso... Sabia que um gato cai sempre de pé? Uns cientistas italianos prenderam dois gatos costas com costas e atiraram-nos do alto da Torre de Pisa, para ver de que lado caíam. O que acha que aconteceu? (*A loira lança-lhe um olhar escandalizado.*) A senhora é um poço de simpatia, está-se mesmo a ver. Trabalha em quê? Anima idosos com depressão numa casa de repouso?

Loira (*com desprezo*) – Sou esteticista... num centro de beleza exclusivo para loiras.

Barman – A sério? Nem sabia que havia centros só para loiras. No seu lugar, começava já a procurar outro emprego... (*Ela olha-o.*) Não sabia que as loiras estão em vias de extinção? Li aqui na revista. Para nascer loira, é preciso herdar o gene dos dois pais. Ora, como já são uma minoria e há cada vez mais mistura de populações, em 2200 não sobrará uma única loira natural no planeta. Será uma perda irreparável? Não sei... E com o aquecimento global é pior: as loiras vêm dos países frios. Quanto mais calor, menos loiras. A não ser que se guardem as últimas numa reserva na Antártida. Resta saber se conseguem reproduzir-se em cativeiro... dentro de iglus.

A loira cheira a cuba do cocktail com uma cara de desagrado.

Loira – O seu cocktail cheira a lota. Que merda é que pôs aí? Marisco?

Barman – Também. O meu pai dizia que os crustáceos são as baratas do mar. Depois de saber isso... continua sem querer provar?

Loira – Acho que é melhor ir sentar-me.

A loira dirige-se a uma mesa e senta-se.

Barman – As loiras... Põem-me os pelos em pé.

O barman liga a rádio. Ouve-se uma velha canção de alguém que espera em vão.

4 – O Barman – A Comissária

O barman enxuga copos. Entra a comissária de gabardina e chapéu gastos, à maneira de Columbo. O papel também pode ser representado por um homem, alterando-se os tratamentos.

Barman – Deixa-me adivinhar: também não é gay...?

Comissária – É da polícia?

Barman – Não.

Comissária *(mostrando o crachá)* – Eu sou.

Barman – Ah...

Comissária – Muito bem. Aqui quem faz as perguntas sou eu. Estou a investigar o desaparecimento de uma mulher que caiu no Sena há uma hora. Viram-na sair deste bar. Baixinha, gordinha... Estava acompanhada?

Barman – Acho que tinha um encontro com alguém, mas o tipo não apareceu. A menos que se tenham encontrado lá fora...

A comissária tira um bloco de notas para tomar apontamentos.

Comissária – Bebeu muito?

Barman – Bebeu um copo ou dois. Quando saiu ainda se aguentava em pé e andava a direito.

Comissária – Parecia deprimida? Suicida...?

Barman – Não especialmente... Só me disse que, se a encontrassem afogada, não queria ser reanimada. Levei isso como uma piada...

Comissária – Pelos vistos, não devia ter levado aquilo a brincar... Reparou em mais alguma coisa suspeita?

Barman – Não... Bem, sim. Um cliente foi à casa de banho há uns quinze minutos e ainda não saiu. Acha que devia ter avisado a polícia...?

Comissária (*guardando o bloco*) – Muito bem... Mas há outra razão para eu estar aqui. Como sabe, o Assassino da Motosserra de Namur... ou seja, o seu pai... anda fugido. Não tentou contactá-lo?

Barman – Não...

Comissária – Muito bem... Voltarei mais tarde, caso tenha mais perguntas.

Barman – Posso oferecer-lhe um copo, comissária?

Comissária – Bem...

Barman – É muito suave. Escorrega que é uma maravilha.

Comissária – Um pouco de ternura neste mundo de brutos...

A comissária relaxa e tira o chapéu. O barman serve-lhe um copo de cocktail. Ela olha para a bebida com alguma inquietação.

Comissária – Faz-me companhia?

Barman (*assustado*) – À esquadra...?

Comissária – Para brindar!

Barman – Ah! Eh... Nunca durante o serviço.

A comissária prova o cocktail.

Comissária – Isto leva caldo de carne, não leva?

Barman – Bingo! E mais...?

Comissária – Laranjas sanguíneas?

Barman – Que faro! Não é comissária por acaso...

A comissária termina o copo.

Comissária – Primeiro estranha-se, depois entranha-se...

A comissária faz um gesto indicando que quer outro copo, e o barman obedece.

Barman – Olhe, é muito revigorante.

A comissária bebe o copo de um trago.

Comissária – Bem... Se se lembrar de algum detalhe interessante... ou se o seu pai tentar contactá-lo, avisa-me? *(Dá-lhe um cartão)* Tome, aqui tem o meu número.

Barman (*lendo o cartão*) – «O Velcro», bar de lésbicas... Está bem.

A comissária tira-lhe o cartão e dá-lhe outro.

Comissária – Desculpe, não era esse cartão. Bem, o dever chama-me...

A comissária sai um pouco tonta. Toca um telemóvel. O barman atende.

Barman – Estou...? Quem fala? Deus? (*Para si*) Não me parece que Deus ligasse para o meu telemóvel... Se conheço Sodoma e Gomorra? Ouve, pai... Está bem, Jesus, se preferires... Reconheci-te a voz, por isso deixa-te de merdas. Não, não podes ficar cá! Nem uma noite. Volta já para Namur. Sabes como acabou da última vez...

A comissária regressa. O barman desliga o telefone à pressa.

Comissária – Desculpe, esqueci-me do chapéu.

O barman sorri-lhe, nervoso. A comissária põe o chapéu e sai. Ele suspira.

5 – O Homem – O Barman

O barman está a ler a sua revista científica. O homem regressa da casa de banho. O barman desliga a música.

Homem – Ah, agora sim, sinto-me bem mais leve...

Barman – Pois... Demoraste o teu tempo...

Homem – Devo ter adormecido. Já nem noto quando acontece. Tenho apneia do sono. É uma merda: posso adormecer numa entrevista de emprego, a foder... Até no teatro! Mas o pior é quando estou a conduzir. Nem imaginas a fortuna que já custei à seguradora.

Barman (*voltando à revista*) – A propósito de carros, ouve esta: (*Lendo*) «Se um carro ultrapassasse a velocidade da luz, os faróis iluminariam a estrada atrás dele, e não à frente...»

Homem – Boa maneira de provocar um acidente...

Barman – E o condutor chegaria ao destino antes de ter saído.

Homem – Comigo não há esse perigo. Sobretudo a caminho do trabalho... Vou sempre em marcha-atrás, de tão pouca vontade.

Barman – Mas assim, à velocidade da luz, para chegares a horas ao trabalho de manhã, terias de sair na véspera à noite... em marcha-atrás.

Homem *(perplexo)* – Marcha atrás...?

Barman – Para os faróis iluminarem na direção certa.

Ao virar-se para a sala, o homem vê de repente a espetacular loira sentada à mesa, e o seu sorriso congela.

Homem – Foda-se!

Barman – Calma, isso não vai acontecer já...

Homem – Diz-me que não é ela...

Barman – Quem?

Homem – A Ingrid! A gaja da internet! Meu Deus... Já viste aquela mulher? Ainda bem que não pôs fotografia no perfil. Eu nem tinha aparecido!

Barman – Não é assim tão horrível, pois não?

Homem – Horrível? Estás a gozar? Nem em sonhos vi uma mulher daquelas! E agora aqui, ao vivo... Achas que tenho hipóteses?

Barman – Fizeste bem em não pôr a tua fotografia, isso é certo. Senão era ela que não vinha.

Homem – Ser feio não me obriga a sair com mulheres horrorosas. Há tantas mulheres lindíssimas com homens horrivelmente... ricos.

Barman – E tu, o que fazes?

Homem – Sou responsável de operações no McDonald's. Mas é provisório...

Barman – E claro que não lhe disseste. Embora talvez adivinhe: cheiras a batatas fritas a quilómetros.

Homem – Disse que me chamava McDonald e era sobrinho do patrão.

Barman – Sobrinho do McDonald...?

Homem – Ronald...

Barman *(cada vez mais surpreendido)* – Ronald?

Homem – Foi o primeiro nome que me veio à cabeça.

Barman – Uma vez fiz um curso de teatro chamado «Descobre o palhaço que há em ti». Tu não precisavas de procurar muito...

Homem – Tenho de me atirar de cabeça. Senão vou arrepender-me para sempre. Mas que é que lhe digo?

Barman – Sei lá... «Tenho uma caixa de preservativos que acaba este mês e detesto desperdiçar.» Ou diz a verdade: «Estou com um tesão do caralho, mas talvez, depois de passarmos a noite a foder como coelhos, descubramos que temos imenso em comum.»

Homem – A noite toda...? Também não quero prometer o que não cumpro.

Barman – Muito bem, senhor McDonald...

Homem (*olhando para a loira*) – Porra, que avião!

Barman – Desculpa...?

Homem – Honestamente, o que achas dela?

Barman – Sinceramente? É tão calorosa como a secção dos congelados num supermercado do Alasca. Mas perguntar-me isso é como perguntar a um vegetariano se prefere o bife bem passado ou mal passado.

O homem dirige-se à loira, mas hesita sobre como se aproximar.

6 – O Barman – A Comissária

A comissária regressa, agora bastante mais bebida, e aproxima-se do barman, que limpa o balcão.

Comissária – Tenho novidades...

Barman – Ah, sim?

Comissária – Examinámos o telemóvel encontrado na ponte. O telemóvel da vítima... E adivinhe o que descobrimos?

Barman – Não...

Comissária – O homem com quem tinha encontro... Conheceu-o num site de encontros. Um site que, por acaso, conheço muito bem.

Barman – A sério...?

Comissária – Marcou-lhe encontro aqui, no seu bar.

Barman – E que conclusão tira daí, comissária?

Comissária – Foi ele, evidentemente, que a empurrou para o rio depois de tentar violá-la. O tarado usa vários nomes falsos para atrair as vítimas. Até se apresentou como Gertrudes...

Barman – Isso já parece uma perturbação grave...

Comissária – Havemos de o apanhar. Mas, entretanto, se vir esse indivíduo... É curioso, marca todos os encontros aqui...

Barman – Pelo que sei, a especialidade dele é deixar as mulheres penduradas.

A comissária parece refletir.

Comissária – Pois claro! É uma pista falsa para baralhar a polícia. Quem é que seria idiota a ponto de marcar todas as suas vítimas no mesmo bar?

O telemóvel da comissária toca, e ela atende.

Comissária – Sim...? Ah... Ah... Certo...

A comissária guarda o telemóvel.

Comissária – Encontraram agora a mala da mulher no Sena, em Le Havre, com todos os documentos.

Barman – Em Le Havre?

Comissária – A corrente... Uma mala faz muitos quilómetros numa hora. O corpo, a esta altura, deve estar em Inglaterra. Nunca o vamos encontrar. (*Olha para o relógio.*) Quase meia-noite. Acho que vou cair na cama... Ora, fique bem.

Barman – Boa noite, comissária...

A comissária sai.

7 – O Homem – A Loira

O homem, que até agora hesitava, finalmente aproxima-se timidamente da loira.

Homem – Olá... *(Apresentando-se)* Ronald...

Loira *(surpresa)* – Desculpa?

Homem – McDonald!

A loira avalia-o por um instante antes de responder.

Loira – Desculpe, mas eu não encomendei nada...

Homem (*atrapalhado*) – Falámos num site de encontros. O meu pseudónimo é Ronaldo. Não és a Ingrid?

Loira – Não... Chamo-me Astrid...

Homem – Astrid? (*Tentando fazer graça*) Bem, é quase igual, não é?

Ela lança-lhe um olhar gélido para o colocar no seu lugar.

Homem – Desculpa, não te incomodo mais...

O homem está prestes a afastar-se, mas detém-se.

Homem – Posso convidar-te para jantar um dia destes?

Loira – Deixa-me ver... Hoje é sexta-feira... Tenho uma vaga a 29 de fevereiro de 2052. É ano bissexto.

O homem não desiste.

Homem – E se te convidasse para beber qualquer coisa agora?

Loira *(irónica)* – Enquanto esperas pela Ingrid...?

Homem – Não, bem... Era uma rapariga que vinha entrevistar para um emprego...

Loira – Fazes entrevistas em páginas de encontros?

Homem – Prefiro contratar solteiras. Têm maior disponibilidade para trabalhar à noite. E num site de encontros tenho a certeza de que são solteiras... Vá lá, deixa-me pagar-te um copo.

Loira – Por acaso também estou à espera de alguém... (*Fareja o ar, enojada.*) Cheira-me a batatas fritas. Não sentes? (*Desconfiada*) Afinal, em que é que trabalhas?

Homem – Trabalho com o meu tio... no ramo da restauração.

Loira – O teu tio...?

Homem – McDonald! Eu sou o Ronald. Por isso escolhi Ronaldo como nome no site. Mas os meus amigos tratam-me por Ronnie...

Loira *(surpresa)* – E és mesmo sobrinho de...?

Homem – Do Tio Patinhas! É o meu nome carinhoso para ele. É um forreta, mas eu sou o único herdeiro. Não vou censurá-lo por tomar conta do monte de ouro...

Loira (*desconfiada*) – Curioso. Não tens sotaque americano nenhum...

Homem – Nasci cá. Somos o ramo europeu dos McDonald. Às vezes vou aos Estados Unidos à sede discutir a estratégia mundial, mas sou eu que desenvolvo a rede aqui em Paris. Aparece um dia num dos nossos restaurantes. Ficas por minha conta...

Loira *(perplexa)* – Porque não...

Homem – O que queres beber?

Loira – Não sei... Algo que não seja muito forte.

Homem – Confias em mim?

Ela sorri friamente. O homem afasta-se em direção ao balcão.

8 – O Homem – O Barman

O homem chega ao balcão. O barman está novamente mergulhado na sua revista científica.

Homem – Não é ela...

Barman – Quem?

Homem – A Ingrid, do site! Mas porque é que não hei de tentar a minha sorte? A outra já não deve aparecer. E, de qualquer forma, se calhar era um camafeu...

O homem lança um olhar para a loira.

Homem – Já viste aquele monumento? Imagino-a nua na banheira, a ensaboar as pernas com uma esponja...

Barman – Imagina-a antes de avental e luvas de borracha, na cozinha, a descascar cebolas.

Homem – Ui! Isso põe-me ainda mais doido.

Barman *(revirando os olhos)* – Bem, o que vai ser?

Homem – Agora sim, vou beber o meu segundo cocktail grátis...

Barman – E para a senhora?

Homem – Pois... o meu segundo cocktail grátis.

O barman suspira e serve-lhe o segundo cocktail.

Homem – Tens razão: com uma fronha destas, só me resta apostar tudo no sentido de humor. Vou fazê-la rir... (*Pensa.*) Não sabes nenhuma anedota boa?

O barman coloca o copo em frente ao homem e lança-lhe um olhar eloquente.

Homem – Pronto, desenrasco-me sozinho...

O homem pega no copo e dirige-se à mesa onde está sentada a loira. Vira-se uma última vez para o barman.

Homem – Tens a certeza de que tiraste tudo o que andava a boiar...?

O barman acena com um ar cansado. O homem afasta-se para se sentar à mesa com a loira.

9 – O Barman – O Psicopata

Entra um homem de ar ameaçador, vestido de lenhador canadiano. Da mala de viagem sobressai uma lâmina de motosserra. É o Assassino da Motosserra de Namur, pai do barman.

Barman – Pai...? Que raio fazes aqui?

Psicopata – Não podia passar por Paris sem vir cumprimentar o meu menino!

Barman – Já disse que não podes ficar cá.

Psicopata – Só seria por um dia ou dois...

Barman – A polícia esteve aqui... Estão à tua procura.

Psicopata – Não vais denunciar o teu próprio pai, pois não? Judas!

Barman – Se te encontram aqui, estou fodido!

O psicopata vê a cuba de cocktail.

Psicopata – Ao menos serve-me qualquer coisa. Estou a morrer de sede.

Contrariado, o barman serve-lhe um copo de cocktail.

10 – O Homem – A Loira

O homem está sentado em frente à loira.

Homem – Vais ver, é uma bebida muito estimulante.

Loira – Sabe a uma coisa esquisita... Que leva isto?

Homem – O cocktail da casa...

Loira – Cheira a caranguejo, não cheira?

Homem – Quem sabe? O barman guarda a receita como se fosse um segredo de Estado. Cada um tem os seus gostos: há quem coma gafanhotos torrados como aperitivo. Há povos em que o pai come a placenta depois do parto. A minha ex comia larvas. Dizia que era tudo proteína...

Loira – Percebo porque é que a deixaste.

Homem – Na verdade, foi ela que me deixou, mas...

Loira – Ah, sim?

Homem – Disse-me uma vez: «És o tipo mais engraçado que conheço... e também o mais idiota.»

Loira – Não digo que esteja a morrer de tédio, mas a pessoa por quem espero não deve tardar. (*Olha para o relógio.*) Já devia estar aqui...

Homem – Se eu tivesse encontro com uma mulher como tu, vinha logo de manhã, antes de o bar abrir, para não correr o risco de te perder.

Loira – Com um nome como McDonald, deves ter uma fila de mulheres à espera...

Homem – Nem imaginas como a riqueza pode isolar uma pessoa. As mulheres ficam intimidadas. Têm medo de parecer interesseiras...

Loira – Sei perfeitamente o que é isso. Com as mulheres muito bonitas passa-se o mesmo. Os homens não se aproximam com medo de parecerem interessados apenas no corpo delas...

Homem – Deve ser por isso que os homens mais ricos acabam com as mulheres mais bonitas.

Loira *(filosófica)* – O encontro de duas solidões...

Silêncio incómodo.

Homem – Sabes porque é que as loiras gostam de fazer esqui aquático?

O barman lança um olhar consternado ao homem.

Loira – Não...

Homem – Porque ficam de pernas abertas, com a cona molhada e um gajo numa lancha a puxá-las... Não conhecias?

A loira força um sorriso glacial.

Loira – Curiosamente, não. Mas não quero atrapalhar o teu encontro com... a Ingrid.

Homem – Não te preocupes. Ela não tinha as qualificações para o emprego. Deve ter percebido e desistido de vir...

Nesse preciso momento, aparece a morena, com a cara desfeita, a roupa desalinhada e o cabelo em pé.

Loira – Ah... Parece que não.

Homem – Desculpa?

Loira – Aí tens a tua entrevista de emprego...

O homem vê a morena e faz uma cara de desagrado.

Loira – Bem, vou deixá-los.

Homem (*desanimado*) – Vemo-nos depois? É só explicar-lhe que não tem o perfil certo...

Loira – Vou à casa de banho retocar a maquilhagem. Se não nos virmos, telefonamos...

Homem – Mas não tens o meu número!

Loira – Procuro nas Páginas Amarelas, no «M» de McDonald...

A loira dirige-se à casa de banho.

Homem – E a conta é por minha conta, claro!

O homem suspira de alívio após o embaraço e volta o olhar para a morena, que se aproxima do balcão como um zombie.

Homem – Enfim... Esta já é mais compatível com a realidade.

Ainda assim, demora um pouco a pentear-se e pensar como se dirigir a ela.

11 – O Psicopata – A Morena

O barman está afastado atrás do balcão. O psicopata está apoiado no balcão, com o seu copo de cocktail na mão.

Psicopata – Está ótimo, olha... Tens de me dar a receita.

Entra a morena. O psicopata observa as suas roupas desalinhadas e o aspeto desarranjado.

Psicopata – Que raio te aconteceu? Atropelou-te um camião do lixo?

Morena – Parei numa ponte para apanhar ar e fumar. Sentei-me no parapeito para fazer uma chamada e deixei cair a mala. Quando tentei apanhá-la, escorreguei e fui por cima da guarda...

Psicopata – Caíste ao Sena? Mas nem sequer estás molhada...

Morena – Caí num banco de areia. A mala foi levada pela corrente e não faço ideia de onde está o meu telemóvel...

Psicopata – Queres ir ao cinema? Estão a repor O Massacre no Texas mesmo aqui ao lado.

O barman lança-lhe um olhar fulminante.

12 – O Homem – A Morena

O homem aproxima-se da morena.

Homem – Desculpa... Tu és a Ingrid?

Morena (*hesitando*) – Bem... Depende...

Homem – Ah, é um pseudónimo. Eu sou o Ronaldo. Tínhamos um encontro...

A morena parece ainda mais surpreendida.

Morena – Ah, sim...

Homem – Sentamo-nos cinco minutos?

Morena – Porque não...

Sentam-se, sob o olhar intrigado do barman e o interesse do psicopata. Silêncio incómodo entre o homem e a morena.

Homem – Reconheci-te mal te vi.

Morena – Ah, sim...?

Homem – Sei lá... Só pelo nome, Ingrid, já fazemos uma ideia de como será a pessoa.

Morena – E imaginaste uma morena gordinha que parece saída de um caixote do lixo?

Homem – E eu? Não ficaste muito surpreendida ao ver-me ao vivo?

Morena – Um bocado. Mas não estou desiludida. Como não esperava rigorosamente nada... até conseguiste desiludir-me pela positiva.

Homem – Como diz o meu tio, o amor é como os hambúrgueres: quando se está cheio de fome, até um hambúrguer ranhoso sabe bem. (*Comovido*) Já agora, a propósito de carne picada... Lamento muito o que aconteceu à tua mãe...

Morena *(com precaução)* – Obrigada...

Homem – O meu pai dizia sempre: «Por cima da tua mãe passou toda a gente, menos o comboio.» Pensando bem, pior era se tivesse sido o comboio a passar por baixo dela, não achas?

A morena olha para ele, perplexa. O barman aproxima-se para tirar o pedido.

Homem – Queres alguma coisa?

Morena *(fazendo um ar pensativo)* – Não sei... Eh...

Homem (*interrompendo-a, para o barman*) – Um café e um copo de água. O copo de água é para mim.

O barman revira os olhos e volta para o balcão.

Homem – Então és tanatopratora?

A morena olha para ele, desconcertada, mas não desmente.

Homem – Deve ser fascinante. Mas o que faz uma tanatopratora, exatamente?

A morena parece algo desorientada.

Morena – Bem... Como explicar? É um bocado como...

O homem deixa cair a cabeça sobre a mesa e começa a ressonar.

Morena – Vou buscar eu o pedido, que é mais rápido... E preciso mesmo de café.

A morena faz um gesto ao barman, que estava prestes a trazer o café e o copo de água, para que não se incomode.

13 – A Morena – O Psicopata

O psicopata continua ao balcão. O barman murmura-lhe qualquer coisa ao ouvido e desce à cave. A morena aproxima-se.

Morena – Quem é esse tipo?

Psicopata – Não é quem estavas à espera?

Morena – Tinha encontro com um tal João Carlos, que conheci num site. A fotografia estava tão desfocada como a minha, mas não era nada parecido com aquele desgraçado...

Psicopata – Não deites a toalha ao chão. Pode ser a tua última hipótese de não acabares solteira...

Morena – Obrigada... Por enquanto, parece que a minha conversa não o entusiasma muito...

A morena pega no café e no copo de água. Está prestes a voltar à mesa com o homem, mas detém-se.

Morena – Sabes o que é um panatopractor...?

Psicopata – Queres dizer «tanatopractor»...?

Morena – Sim, isso...

Psicopata – Já viste a série Sete Palmos de Terra?

Morena – Não...

Psicopata *(surpreso)* – Não tens televisão?

Morena – Tenho televisão, mas comprei-a numa feira de velharias. Só apanha um canal alemão, a preto e branco. Não a ligo muitas vezes.

Psicopata – São dois irmãos que dirigem uma agência funerária. Um deles é gay... E trabalham a preparar cadáveres: são tanatopractores.

Morena – Pode-se ser gay e tanatopractor?

O psicopata olha para ela com uma expressão de espanto.

Morena – Esquece... Hei de improvisar.

Ela afasta-se em direção à mesa.

14 – A Morena – O Homem

A morena volta à mesa do homem e coloca o café e o copo de água sobre a mesa.

Morena – Desculpa... Aqui tens o teu copo de água...

O homem acorda de repente, como se nunca tivesse estado a dormir.

Morena – Tens a certeza de que não preferes o café...?

Homem – Não, obrigado, depois não consigo dormir à noite...

Morena – Ah...

Olham-se, embaraçados. Para disfarçar, ela bebe o café de um trago.

Morena – Ui, que isto acorda um morto!

Homem – Bebes sem açúcar?

Morena – Surpreende-te?

Homem – É como aquela gente que pede um menu gigante com duas doses de batatas e depois uma cola light. Há quanto tempo andas nesse site de encontros?

Morena – Pouco... Foi um amigo que me aconselhou a inscrever-me. Mesmo antes de me dar com os pés.

Homem – E... que tipo de homem procuras?

Morena – O físico, sabes... Para mim, não é o mais importante.

Homem – Ainda bem...

Morena – Procuro um homem capaz de ver a beleza interior de uma mulher.

Homem (*lascivo*) – Não daqueles que te perguntam que livros lês enquanto te imaginam só de fio dental...

Silêncio incómodo.

Homem – E que é que andas a ler agora?

Morena – Estou a acabar um romance enorme que uma amiga me emprestou. Não me lembro do título, mas é sobre uma mulher que...

O homem adormece de repente, desabando sobre a mesa e começando a ressonar. A morena, primeiro surpreendida, tira da mala um livrinho do tipo romance sentimental barato e começa a ler enquanto espera que ele acorde.

15 – O Barman – O Psicopata – A Loira

O barman regressa e interpela o seu pai psicopata.

Barman – Pronto. Pus uma cama de campanha na cave. Podes ficar esta noite, mas amanhã quero-te fora daqui, entendeste?

O psicopata sorri e vai ver a cave. A loira volta da casa de banho, ainda a limpar do nariz os últimos vestígios de cocaína. Para ao balcão e aponta para o homem que conversa com a morena.

Loira – Conheces aquele tipo?

Barman – Depende. O que queres saber?

Loira – Por exemplo, se ele não é um esquizofrénico em licença.

Barman (*olhando para o pai*) – Também acha que é o filho de Deus?

Loira – Pior: julga que é filho do McDonald.

Barman – Sangue escocês, deve ter. Tem um ouriço no bolso, entre os preservativos fora de prazo e o cartão de crédito...

Loira – Seja como for, mesmo que fosse rico, a ex tinha razão: é um completo idiota. E, já agora, eu não sou a Ingrid.

Barman – Já sei...

Loira *(surpresa)* – Ah, sim...?

Barman – Sou eu.

Loira – Desculpa?

Barman – Ingrid é o meu nome num site de encontros. Também uso João Carlos, Karl... ou Gertrudes.

A loira fica boquiaberta.

Loira – Então quer dizer que toda a gente tinha encontro contigo... E eu podia ter passado a vida inteira à espera do meu Karl!

Barman – Primeiro só usava nomes femininos. A inscrição é grátis para as mulheres. Depois achei que era melhor alargar o mercado.

Loira – Alargar o mercado?

Barman (*apontando para o bar vazio*) – É a crise. Até os gays andam sem dinheiro. Por isso vou buscar clientes aos sites de encontros: homens, mulheres, heteros, gays... Já não posso dar-me ao luxo de escolher. Com as despesas que tenho! Marco-lhes encontros aqui, no Happy Hour.

Loira – Mas a Ingrid ou o Karl nunca aparecem. É uma sacanice...

Barman – Às vezes, entre dois bolos, ainda há quem se entenda...

Loira – E o teu nome verdadeiro, qual é?

Barman – Alfred.

Loira – Alfred? Que nome tão... antigo.

Barman – O meu pai é louco por Hitchcock. Já viste Psico?

Loira – Não é a história de uma loira que entra num bar onde um maluco esconde a mãe embalsamada na cave?

Barman – Algo do género...

Loira – Nunca imaginaria que tu fosses a Ingrid.

Barman – As aparências enganam. Uma vez, num baile de máscaras, beijei um tipo mascarado de bombeiro.

Loira – E o que aconteceu?

Barman – Era bombeiro a sério. Nas festas gays levamos a segurança muito a peito...

Loira – Deu-te uma bofetada?

Barman – Nem isso.

Loira – Era gay?

Barman – Não. Mas eu estava vestido de enfermeira.

O barman vê que a comissária está a regressar. Pega na cuba vazia do cocktail e faz um gesto discreto ao pai para que o siga. O pai pega na sua bolsa, de onde sobressai a lâmina da motosserra, e segue-o.

Barman – Acabou-se o cocktail da casa. Vou à cave preparar mais um balde deste néctar... longe dos olhares indiscretos.

A loira fica sozinha no balcão.

16 – A Loira – A Comissária

A comissária volta ao bar visivelmente embriagada. A loira está encostada ao balcão.

Comissária – O dono não está?

Ouve-se o som de uma motosserra. A comissária levanta a cabeça, intrigada.

Loira – Saiu por uns instantes...

Comissária – Vou esperá-lo.

A comissária olha em volta.

Comissária – Vem aqui muitas vezes?

Loira – Aviso já, não sou lésbica.

Comissária – Então suponho que não se chama Gertrudes...

Loira – Tenho eu cara de Gertrudes?

A comissária observa a loira com um ar suspeito.

Comissária – Com o que anda a meter pelo nariz, no seu lugar não me armava em espertinha. Está entendido?

A comissária mostra um cartão.

Loira (*lendo o cartão*) – «Piscina municipal. Passe de dez entradas»...

A comissária percebe o erro.

Comissária – Desculpe, não era esse.

Entrega-lhe o cartão de polícia.

Comissária – Quer que a obrigue a abrir a mala aqui mesmo?

Loira (*baixando a voz*) – Peço desculpa...

Comissária – Então é melhor colaborar. Repito: costuma vir muito a este bar?

Loira – Não... Vivo nos subúrbios.

Comissária – Uma mulher sozinha não devia andar por aqui a estas horas. Amanhã ainda a encontram no fundo do Sena... serrada ao meio por uma motosserra.

Loira – Obrigada... Vou ter cuidado ao regressar.

Comissária – Quer que a acompanhe até à praça de táxis?

Loira – Tenho um encontro com alguém.

Comissária – Alguém...?

Loira – Um homem... que conheci numa página de encontros.

A comissária abana a cabeça com um gesto de desaprovação.

Loira – Achei que não corria perigo num bar. Sobretudo num bar gay...

Comissária – O seu amigo é gay?

Loira – Eu... Não acho. Pelo menos não pensei que fosse quando aceitei o encontro.

Comissária – Não me parece muito claro... (*Entrega-lhe um cartão.*) Tome, aqui tem o meu número. Se houver algum problema, ligue.

Loira (*lendo o cartão*) – «Canalizações urgentes»... Muito obrigada.

Comissária – Perdão, não era esse. (*Entrega-lhe outro.*) Bem, tenho de continuar a ronda... Quero dizer, a investigação. Diga ao dono que passei. É sempre tranquilizador ver a polícia por perto.

A comissária prepara-se para sair.

Loira – Estava à procura de uma tal Gertrudes?

Comissária (*misteriosa*) – Também eu ando por uns sites de encontros...

A comissária vai-se embora.

17 – O Homem – A Morena

O homem desperta e tenta retomar a conversa com a morena como se nada tivesse acontecido.

Homem – Astrid... Que nome bonito...

Morena – É... (*Hesita.*) Mas eu sou a Ingrid, não sou?

Homem (*sem pestanejar*) – É um nome celta. Tens origens escocesas?

Morena – Eh... Não, que eu saiba...

Homem – Ainda bem. Pelo meu apelido, adivinha-se logo. Nasci em Edimburgo...

Morena – Que curioso, tens mais aspeto de mediterrânico...

Homem – Bem, não sou propriamente escocês. É por causa do meu tio. E Edimburgo fica no sul da Escócia: lá bebem sangria e fazem touradas... (*Silêncio.*) Sabes porque é que os escoceses só usam uma espora para montar? (*Ela finge interesse.*) Porque, quando se consegue pôr metade do cavalo a andar, a outra metade segue atrás.

Morena *(com um sorriso forçado)* – Pois...

Homem – Tens uma camisola muito bonita...

Morena – Achas mesmo...?

Homem – Não é que favoreça muito a tua figura, mas deve ser quentinha no inverno. E ainda cabem aí duas pessoas! Se alguma vez formos acampar, já temos tenda...

Morena – Desculpa, acabei de ver uma amiga...

A morena afasta-se em direção ao balcão.

18 – A Loira – A Morena

A morena aproxima-se da loira no balcão.

Morena – Tu és a Ingrid?

Loira – Depende... Quanto me dás para eu não ser?

Morena (*estendendo uma nota*) – Dez euros chegam?

Loira – Vinte.

Morena (*acrescentando outra nota*) – Feito.

Loira (*guardando o dinheiro*) – Gostas assim tanto dele ou estás à espera de hambúrgueres grátis?

Morena – Sei lá... (*Olha para o homem com ternura; ele faz-lhe um gesto imbecil.*) Até me faz pena. Desperta-me o instinto maternal. Deve ter sido assim que alguns roqueiros horríveis conquistaram mulheres lindíssimas.

Loira – Sim, mas esses roqueiros eram ricos. E tu, perdoa-me, também não és propriamente uma supermodelo.

Morena – Obrigadinha. Tu sempre podes experimentar o lenhador. Acho que ele gostou de ti...

A loira olha para o psicopata, que regressa sozinho, com a camisa ensanguentada, e toma o lugar do barman atrás do balcão. Pousa aí uma bacia cheia de cocktail.

Loira – Ele disse-te isso?

Morena – Vê-se a léguas. Já reparaste como te olha? Parece que tem uma grande empresa madeireira no Canadá...

O psicopata lança à loira um sorriso inquietante.

Loira – Ah, sim...?

Morena (*maldosa*) – Boa sorte. (*Prepara-se para voltar à mesa, mas desiste.*) Primeiro vou vomitar este cocktail de merda. Se não, acabo por vomitar em cima dele. Para um primeiro encontro, não causa grande impressão.

A morena dirige-se à casa de banho. A loira hesita um instante e, depois, abandona o bar.

19 – O Psicopata – O Homem

O homem aproxima-se do balcão e dirige-se ao psicopata.

Homem – É preciso ter sorte. Dois anos sem dar uma queca, e agora aparecem-me duas bombas na mesma hora...

Psicopata – É Happy Hour. Vá, esta pago eu.

O psicopata serve-lhe um terceiro copo de cocktail.

Homem – Tem as calças tão apertadas que tenho medo de levar com um botão num olho enquanto falo com ela...

Psicopata – De quem estás a falar?

Homem – Que achas da morena? Não é nenhuma beleza, mas não tem ar de quem só chupa rebuçados. A minha última namorada dizia que a minha pila parecia uma goma mole... Sinceramente, com o meu nível de esqui, que pista aconselhas? A castanha, para principiantes, ou a loira, para os suicidas?

O psicopata olha-o com uma mistura de pena e nojo.

Psicopata – Cá para mim, prefiro fora de pista...

A morena regressa e senta-se.

Homem (*à morena*) – Já vou! (*Ao psicopata*) Quando a Daisy... digo, a Ingrid... descobrir que não sou sobrinho do Tio Patinhas, vou parecer um perfeito Mickey. Mas, até lá...

O homem esvazia o copo de um só trago.

Homem – Pouco importa se o gato é preto ou cinzento, desde que apanhe ratos...

Psicopata – Walt Disney?

Homem – Deng Xiaoping. Há que ser realista. Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar...

O homem afasta-se em direção à morena.

20 – O Homem – A Morena

O homem volta para junto da morena, mas não se senta.

Homem – Apetece-te ir ao cinema? Estão a repor O Massacre no Texas aqui ao lado.

Morena (*erguendo-se com entusiasmo fingido*) – Fantástico! E depois vamos a um McDonald's?

Homem – Hambúrgueres fazem-me lembrar demasiado o trabalho. Como diz o meu tio: «Nunca vês um urologista de férias num campo de nudistas...»

A morena, desconcertada, dá-lhe um sorriso educado.

Homem – Prefiro a carne em sangue... Tens carro?

Morena – Sou mais dos transportes públicos. E tu?

Homem – Até hoje, só praticava os transportes solitários. Mas agora que te conheci...

Saem juntos. Ao afastar-se, a morena faz discretamente um sinal ao psicopata para lhe mostrar que está tudo bem.

Homem – Tanatopractor... É uma espécie de quiropractor, mas de cadáveres, não é?

Morena *(incómoda)* – Um pouco...

Saem.

21 – O Psicopata – A Loira

O psicopata, sozinho atrás do balcão, lê a revista «Thanato Magazine», enquanto a rádio toca uma velha canção sobre morrer em palco. A loira regressa, mais simpática, decidida a seduzi-lo. Ele desliga a música.

Psicopata – Devia ter-te avisado que este cocktail provoca dependência...

Loira (*insinuante*) – Uma poção de amor, portanto. É o teu truque para fidelizar a clientela?

Psicopata – Quem não morre ao primeiro copo nunca mais consegue passar sem ele... (*Surpreendido pelo charme da loira.*) Mais um? Está fresquinho, acabei de o fazer.

O psicopata serve outro cocktail à loira. Brindam. A loira olha-o nos olhos com ar lânguido.

Loira – És fã da Dalida?

Psicopata – Tenho todos os discos dela...

Loira – Também sonho em ser famosa...

Psicopata – Tens algum talento especial?

Loira – Eu não quero ser famosa pelo talento. Quero ser famosa por ser famosa. Como Paris Hilton...

Psicopata – Podes escolher um nome artístico. Sei lá... Berlim Marriott. (*Ela sorri, sem sabermos se percebeu.*) Mas não me digas que uma rapariga bonita como tu tem dificuldade em arranjar companhia...

Loira – Os homens são como os míopes: mal se habituam a uma armação, já querem montar outra...

Psicopata (*filosófico*) – Para quê comprar a vaca quando se pode ter o leite de graça?

Loira – Os homens são uns cabrões. A maioria está tão desesperada que tanto lhes fazia ir para a cama comigo como com um cadáver...

Psicopata – Acredita que não é bem a mesma coisa...

Loira – O marido deixou a minha melhor amiga quando ela andava de bombo...

Psicopata – Bombo? Tocava numa banda?

Loira – E eu que tenho tanto cuidado com os homens... Aqueles tipos que conheces numa discoteca, dizem que são pilotos, mas nem dinheiro têm para pagar uma bebida. Tu, pelo menos, tens ar de ser um homem distinto...

Ela lança um olhar à revista Thanato.

Loira – Também és tanatopractor?

Psicopata – Amador, só.

Loira – E isso consiste em quê?

Psicopata – E tu, o que fazes?

Loira – Sou esteticista num centro de beleza para loiras.

Psicopata (*didático*) – É mais ou menos o mesmo que ser esteticista... mas de loiras mortas.

Loira – Ah, claro...

Psicopata – É uma profissão fascinante, não achas?

Loira – Sim, sim... E de onde te veio essa... paixão?

Psicopata – No funeral da minha mulher. Fizeram um verdadeiro milagre para lhe voltar a colar a cabeça...

Loira (*engolindo em seco*) – Ah, claro...

Psicopata – Pronto, está na hora de fechar.

Ele baixa, com um ruído sinistro, uma persiana metálica que não se vê.

Psicopata – Posso acompanhar-te, se for pelo meu caminho.

Loira – Por que não...?

Psicopata – Saímos pela porta das traseiras...

Convida-a a dirigir-se para a saída.

Psicopata – Cuidado, a escada está toda torta.

Loira (*rindo nervosamente*) – Eu também já estou um bocado torta... Deve ser deste cocktail. Que raio metes aí dentro?

Psicopata – Só produtos naturais. É praticamente um cocktail biológico...

Ela tira um pequeno espelho de bolso e olha-se nele.

Loira – Pois, o natural não me favorece. Estou com uma cara de quem saiu da cova...

Psicopata – Não te preocupes. Vou dar-te uma cara nova...

Ele apaga a luz ao som do genérico de «Sete Palmos de Terra». A luz volta a acender-se.

Ouve-se o ruído estridente de uma motosserra a arrancar. A luz apaga-se.

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Janeiro de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-315-6

Documento para download gratuito